

## Festival TEMPS D'IMAGES

TEMPS D'IMAGES completou seis anos em Portugal. Seis anos de reflexão em imagens e em palavras, no ecrã e no palco, para este festival idealizado e realizado pela ARTE e La Ferme du Buisson, que se implantou em Portugal e se espalhou por uma Europa cujas fronteiras não param de se alargar.

Este foi, por sinal, o fio condutor da edição de 2008, que colocou em termos artísticos a questão da transgressão das fronteiras, fossem elas artísticas ou geográficas. Em suma, uma volta às origens para TEMPS D'IMAGES, que convida artistas de palco e da imagem a trabalhar em conjunto na elaboração de um espectáculo. Teatro e cinema confrontam in vivo aquilo que dá forma e distingue as suas ficções, para imaginar novas formas de escrita.

Articulação, desconstrução, imagens que se reflectem ao infinito ou jogos de espelhos estão no âmago dos espectáculos, instalações, filmes e performances apresentados no CCB, Culturgest, Museu do Chiado, Fundação Museu Colecção Berardo, Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, Fundação EDP, Galeria Graça Brandão e LX Factory.

No TEMPS D'IMAGES, o processo de descoberta mútua e de criação comum tem tanta importância quanto o objecto acabado que, oferecido ao público, transforma este festival numa plataforma reveladora de talentos.

E como há sempre novos nomes a surgir... estamos presentes.

Neste Festival interessa perceber que espaço existe entre o palco e a imagem. Encontrar esse lugar intermédio, simbólico, onde os dois mundos se possam encontrar de forma equilibrada, no sentido de construção de um objecto em que um não se sobreponha ao outro.

Objectos que cruzam todas as categorias artísticas, esbatendo-se a necessidade de catalogação entre géneros.

Dar palcos e ecrãs a artistas como Isaac Julien, Hanna Shygulla, ou Julião Sarmento é tão importante como a apresentação de jovens artistas como Marlene Freitas, Isabel Valverde, Ivo Serra, Mário Afonso ou Miguel Bonneville. Nenhum outro projecto é tão plural como o TDI, que se apresenta em vários espaços de Lisboa, arriscando fortemente num equilíbrio vertiginoso entre “novos” e “velhos”, “reconhecidos” e “reconhecíveis”, “experientes” e “experimentais”, unindo-os num binómio: o Binómio Palco /Imagem.

A utilização da linguagem cinematográfica do Festival é de natureza não tradicional, assentando na criatividade e originalidade, voltando-se para o futuro, adaptando-se, não só às novas evoluções tecnológicas e culturais, mas também a novos públicos conhecedores ou curiosos dessas novas linguagens. Por isso, este Festival, explora todas as potencialidades da Imagem em movimento, entrando definitivamente no espírito do séc. XXI.

A programação do Festival é o seu próprio conceito - que continua (e continuará) a unir o palco à imagem. Ela é resultante de propostas artísticas de vários programadores como os que participaram na discussão do tema 'O Programador Cultural' (Gil Mendo e Luísa Taveira) bem como, entre outros, Jean François Chougnét, Pedro Lapa ou Mark Deputter.

Este desafio, prontamente assumido por todos os seus intervenientes, unificou o Festival, tornando-se, verdadeiramente, além do cruzamento de todas as linguagens, no cruzamento de universos estéticos díspares, como se se construísse um "estaleiro" programático.

Estaleiro, conceito que o TDI implementou, não é mais que uma nova forma de colaboração entre artistas de palco e de imagem

Março de 2009

António Câmara Manuel